



Destruição Criativa: A tese de Schumpeter sobre a Decomposição do Capitalismo

Autor: **Antonio Carlos de Moraes** tem pós-doutorado pela Universidade de São Paulo e é professor do Departamento de Economia da Faculdade de Ciências Econômicas e Administração e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Economia Política da PUC-SP.

Resumo

O propósito deste artigo é explorar e estimular algumas reflexões sobre a análise que Joseph A. Schumpeter oferece na Parte II – Poderá sobreviver o capitalismo? de sua obra *Capitalismo, socialismo e democracia* (1984). O foco dessas reflexões está no destaque dos aspectos teóricos e metodológicos que sustentam a construção da análise do autor e no seu corolário, antevendo o esgotamento do sistema capitalista a partir do declínio da força da destruição criativa, força motriz da dinâmica capitalista para Schumpeter.

Abstract

The purpose of this article is to explore and stimulate some reflections on the analysis that Joseph A. Schumpeter offers in Part II - Can Capitalism Survive? of his work *Capitalism, Socialism and Democracy*. The focus of these reflections is on the theoretical and methodological aspects that underpin the construction of the author's analysis and its corollary, anticipating the exhaustion of the capitalist system from the decline of the force of creative destruction, the driving force of the capitalist dynamics for Schumpeter.

INTRODUÇÃO

Este artigo, desenvolvido com base na Parte II–Poderá sobreviver o capitalismo? do livro *Capitalismo, socialismo e democracia* (SCHUMPETER, 1984, p. 85-211) compõe-se de duas seções além desta Introdução e uma Conclusão. Na Seção 1–Razão do sucesso no período pré-Grande Depressão e a possibilidade de uma nova rodada de êxito, descrevemos o percurso analítico que Schumpeter realiza até chegar à identificação do elemento determinante para o vigor do capitalismo nos sessenta anos (1870 a 1930) que antecederam a grande depressão que abalou o capitalismo, especialmente ao longo dos



anos de 1930.¹ Encontrada essa razão, a questão a ser esclarecida é se haverá a possibilidade de que outra rodada de êxito possa repetir-se.

Na Seção 2–Reflexões críticas sobre a metodologia de análise de Schumpeter, a atenção volta-se para destacar os aspectos metodológicos que respaldam a análise de Schumpeter e finalmente as Considerações Finais têm como objetivo realçar a sua prospecção sobre as perspectivas do capitalismo, buscando oferecer uma resposta à questão que instigou suas reflexões e desperta nosso interesse: Poderá sobreviver o capitalismo?

1. RAZÃO DO SUCESSO NO PERÍODO PRÉ-GRANDE DEPRESSÃO E A POSSIBILIDADE DE UMA NOVA RODADA DE ÊXITO

Considerando o período 1870-1930, Schumpeter identifica como resultado do desempenho do capitalismo, um crescimento da ordem de 2% a.a. da produção disponível para o consumo.² Considerando a possibilidade de que esse desempenho se mantivesse ao longo de um período de 50 anos – 1928 a 1978 – a “produção disponível” em 1978 cresceria 2,7 vezes, dobrando a renda *per capita* no período, de US\$ 650 para US\$ 1.300, a preços de 1928. Isto significaria a eliminação da pobreza. Qual teria sido a causa principal dessa “rodada de êxito” do capitalismo?

Schumpeter inicia investigando a possibilidade de terem ocorrido circunstâncias excepcionais que poderiam ter favorecido o desempenho do sistema capitalista explorando inicialmente cinco prováveis causas, ou circunstâncias excepcionais, que teriam feito sentir o seu peso qualquer que fosse o sistema institucional, referindo-se inicialmente ao papel da “ação governamental” como uma primeira circunstância motivadora da rodada de êxito no período 1870-1930. Todavia descarta essa possibilidade, sob o argumento de que o período de 1870 a 1914 foi livre dos estimulantes e dos calmantes que poderiam ser ministrados pelo setor político dentro do processo social.

A evolução da produção do ouro poderia ser considerada como uma circunstância responsável pelo sucesso do capitalismo no período referido, mas também descartada por

¹ Uma apresentação desse conteúdo, envolvendo outras obras de Schumpeter, pode ser encontrada em Miglioli (20/maio/2019).

² Utilizando um índice denominado *Day-Persons*, no mesmo período (1870-1930), o crescimento da produção total teria alcançado a média de 3,7% a.a., da qual Schumpeter desconta 1,7% que corresponderia ao crescimento da importância relativa das instalações permanentes da indústria, o que evidentemente não pode ser considerado como “produção disponível” para o consumo.



Schumpeter, com base na constatação de que a taxa de crescimento da produção do metal observada no período não pode sugerir ter sido este um fator importante no desempenho produtivo do capitalismo.

Uma terceira circunstância mencionada pelo autor poderia ter sido o aumento da população, que embora reconhecido, não foi considerado relevante, pois, segundo Schumpeter, não há garantia de um aumento na produção *per capita*. Nas suas palavras:

Entretanto, tudo mais permanecendo constante, um número maior de pessoas proveitosamente empregadas produzirá, em geral, menos por empregado ou por habitante do que um número menor, qualquer que seja a organização social. Isso segue-se do fato de que, quanto maior for o número de trabalhadores, menor será o volume de outros fatores com que coopera o trabalhador individual. (SCHUMPETER, 1984, p. 144)

A incorporação de terras novas à fronteira agrícola, uma quarta circunstância, é também lembrada como uma possível responsável pelo sucesso do capitalismo no período 1870-1930, também descartada por Schumpeter. Segundo o autor, a incorporação de terras virgens, bem como a existência de carvão, do minério de ferro e do petróleo, são todos fatores importantes, explorados pelo processo capitalista na medida em que se oferecem aos homens de negócios, e, portanto, não é plausível isolá-los como circunstância que possa ser considerada como fator externo.

Na mesma linha de raciocínio Schumpeter destaca uma quinta e última circunstância, o progresso tecnológico. Para o autor, o empreendimento capitalista e o progresso tecnológico não foram fatores distintos no desenvolvimento da produção capitalista e não foi o rendimento decorrente das invenções que revolucionou a técnica de produção, mas sim suposta ânsia de lucro do homem de negócios. A utilização das inovações tecnológicas constituía a própria essência dessa ânsia, enfim o empreendimento capitalista é que foi a mola propulsora do progresso tecnológico.

Descartando esse conjunto de cinco circunstâncias, Schumpeter, lembrando Marx, reconhece que o aspecto essencial é reconhecer o capitalismo como um processo evolutivo, que não se deve meramente à população, ao capital ou à moeda. O impulso fundamental que dá início e mantém o movimento da máquina capitalista decorre dos novos bens de consumo, dos novos métodos de produção ou transporte, dos novos mercados, das novas formas de organização industrial que a empresa capitalista cria. Há na realidade um processo de mutação industrial que incessantemente revoluciona a estrutura econômica a partir de dentro, incessantemente destruindo a velha estrutura e incessantemente criando uma nova. Este processo de destruição criadora é básico para se



entender o capitalismo. Nos termos do próprio autor: “É nisso que consiste o capitalismo e é aí que têm de viver todas as empresas capitalistas.”. (SCHUMPETER, 1984, p. 113).

Sendo um processo, é infrutífero estudar comportamentos em um dado ponto no tempo, como o fazem os economistas que estudam as formações de mercado que constituem o oligopólio. “Em outras palavras, normalmente se vê o problema de como o capitalismo administra as estruturas existentes, enquanto o relevante é saber como ele as cria e destrói.” (SCHUMPETER, 1961, p. 114).

Dentro dessa perspectiva, uma série de coisas se altera. A primeira coisa a desaparecer é a concepção tradicional do *modus operandi* da concorrência. O fundamental não são os aspectos preço, qualidade, esforço de venda, conforme constam nos manuais, mas a concorrência através de novas mercadorias, novas tecnologias, novas fontes de oferta, novos tipos de organização, que compõem de fato a realidade capitalista.

Á luz do processo de destruição criativa, o funcionamento da concorrência perfeita aponta para um resultado ainda mais desencorajador. A introdução de novos métodos de produção e novas mercadorias é dificilmente concebível sob as condições de concorrência perfeita (o próprio progresso econômico é incompatível). Na concorrência perfeita, preços flexíveis, no monopólio, preços rígidos. Mas no processo de destruição criativa, preços flexíveis podem significar catástrofes mortais. Na concorrência perfeita, não existem lucros excedentes, mas no processo capitalista, esses lucros adquirem novas funções orgânicas. A concorrência perfeita é, não apenas impossível, mas também inferior, não podendo ser apresentada como um modelo de eficiência. (SCHUMPETER, 1961, p. 138-40).

Enfim, nenhuma das cinco circunstâncias enumeradas por Schumpeter, tampouco a tão decantada concorrência perfeita considerada como uma instituição mágica nos manuais da ortodoxia econômica, responderam pela notável rodada de êxito do capitalismo no período 1870-1930. A preocupação do autor passa então ser a de saber se haverá a possibilidade de que outra rodada de êxito possa repetir-se, o que evidentemente depende da continuidade do vigor da destruição criativa, o que passaremos a tratar.

Podemos iniciar o tratamento dessa questão antecipando seu resultado, qual seja, para Schumpeter, a destruição criativa vem sofrendo um processo de erosão que exaure seu vigor e, por decorrência deste desgaste, debilita o vigor do capitalismo, introduzindo entraves à possibilidade de um novo período de evolução que possa ser garantir uma nova rodada de êxito.



Na sequência que entendemos como a mais didática, vamos dar início ao reconhecimento dos fatores que pesam no arrefecimento do processo de destruição criativa destacando a necessidade que o capitalismo teve de romper a estrutura pré-capitalista da sociedade, quebrar as barreiras que lhe impediam o progresso. Para realizar esta superação, o capitalismo derrubou também os esteios que impediam o desmoronamento da estrutura social.

A destruição dos arranjos institucionais do mundo feudal como o castelo, a aldeia, as guildas artesanais e comerciais, os pedágios, significou para a burguesia o rompimento de obstáculos e politicamente, a substituição de uma ordem por outra mais adequada à mentalidade racionalista da burguesia. Mas vale lembrar que esses obstáculos atrapalhavam, mas também protegiam. “Ao romper a estrutura pré-capitalista da sociedade, o capitalismo rompeu não apenas as barreiras que lhe impedem o progresso, mas também os esteios que lhe impedem o desmoronamento.” (SCHUMPETER, 1984, p. 181).

Os novos Estados nacionais subjugarão e compuseram com a aristocracia fundiária e a parte economicamente operante da camada burguesa não ofereceu muita oposição a isso. A liderança econômica do industrial e do comerciante não se desdobra prontamente, como a liderança do senhor medieval, cuja atitude senhorial compreendia a capacidade de comandar e de ser obedecido. No industrial e no comerciante essas qualidades não estão presentes. O burguês é racionalista e não heroico.

Sem a proteção de algum grupo não-burguês, porém, a burguesia é politicamente indefesa e incapaz de tomar conta de seu particular interesse de classe. O que é o mesmo que dizer que ela precisa de um senhor. (SCHUMPETER, 1984, p. 181).

Para agravar esse quadro pós-queda dos muros protetores que faziam parte da estabilidade do regime feudal, outro elemento importante para dar sustentação à dinâmica do capitalismo, o papel da “função empresarial” é seriamente ameaçado. Segundo Schumpeter, supondo que os métodos de produção tenham atingido um estado de perfeição não cabendo maiores melhorias, adviria um estado com características de estacionário, configurando a atrofia do capitalismo, que se sustenta em um processo evolutivo. “Os empresários não teriam mais o que fazer.” (SCHUMPETER, 1984, p. 172).

O autor reconhece que a função do empresário é reformar ou revolucionar o padrão de produção por meio de invenções, explorando novas formas de produção, reorganizando uma indústria, entre outras possibilidades, e apenas uma pequena fração



da população tem aptidões para isso. Mais do que inventar, a função do empresário “consiste em conseguir que as coisas sejam feitas.” (SCHUMPETER, 1984, p. 173).

Para Schumpeter essa função social está perdendo sua importância e a própria inovação está sendo reduzida à rotina.

Em grande parte, a resistência a inovações no processo produtivo já quase que desapareceu. O processo econômico tende a se tornar despersonalizado e automatizado. O processo social tem solapado o papel, a posição social do empresário capitalista. Valendo-se da analogia militar, Schumpeter lembra que a presença de Napoleão era efetivamente sentida nos campos de batalha, mas hoje, o trabalho em um gabinete especializado apaga a personalidade do “chefe”, ofusca a visão de quem pode fazer as coisas acontecerem.

Isso afeta a posição de toda a camada burguesa. Econômica e sociologicamente, direta e indiretamente, a burguesia depende, portanto, do empresário e, como classe, vive e morrerá com ele. A unidade industrial gigante, totalmente burocratizada além de desalojar as pequenas e médias firmas, desaloja o empresário, expropria a burguesia como classe que, “no processo, deve perder não apenas sua renda, mas também, o que é infinitamente mais importante, sua função.” (SCHUMPETER, 1984, p. 176). Para quem precisa de um “senhor”, essa perda é muito relevante.

Caíram os muros e a função do empresário está ameaçada, no que vimos até aqui. Além disto, o processo capitalista, de maneira muito semelhante à que destruiu o quadro institucional da sociedade feudal, também solapa o seu próprio. A estrutura política de uma nação é afetada com a eliminação das pequenas e médias empresas, cujos donos e gerentes vão às urnas. O processo capitalista também ataca seu próprio quadro institucional (“propriedade” e “livre contrato”). Vai desaparecendo a figura do proprietário e surgindo executivos assalariados, os acionistas. Os executivos assumem a atitude do empregado, sem se identificar com a figura do acionista. Os grandes acionistas encontram-se distantes das atitudes e das funções do empresário. Os pequenos acionistas sentem-se sempre enganados e são hostis com relação às “suas” empresas. Na realidade, nenhum desses tipos acaba assumindo a propriedade. O mesmo acontece com a liberdade de contrato, que perde a característica de “livre contrato” e passa a assumir forma estereotipada, não individual, impessoal e burocratizada. Nas palavras do próprio autor:

Assim, o processo capitalista empurra para o fundo da cena todas essas instituições, as instituições da propriedade e do livre contrato em particular, que



expressavam as necessidades e as maneiras da atividade econômica verdadeiramente “privada”. (SCHUMPETER, 1984, p. 185).

Por tudo que foi dito, o processo capitalista produziu uma atmosfera de hostilidade à sua própria ordem social. Para este fenômeno, que Schumpeter considera chocante, o autor busca desenvolver uma teoria para explicá-lo.

Um primeiro ponto considerado é que pode ser verificada uma forte correlação histórica entre a ausência de defesas da burguesia e a hostilidade à ordem capitalista, deixando claro que a hostilidade evoluiu conforme foram caindo os muros de proteção. O próprio burguês descobre que a atitude racionalista ataca, além dos reis e dos papas, a propriedade privada e todo o esquema dos valores burgueses. E quanto menor for a defesa, maior a hostilidade.

Por outro lado, a racionalidade capitalista não elimina uma força extra racional que existe por detrás da crítica. Um trabalhador pode até achar que o capitalismo é um bom negócio, mas isso não rebate o ataque político. Para as massas, o curto prazo é o que interessa, e no curto prazo, os lucros e as ineficiências dominam o quadro. A crítica política não pode ser enfrentada pelo argumento racional. “O capitalismo vai a julgamento perante juízes que têm a sentença de morte no bolso.” (SCHUMPETER, 1984, p. 187).

Schumpeter acrescenta ainda como elementos importantes para o crescimento da hostilidade ao capitalismo, que o indivíduo, em maior ou menor grau, tem o hábito de atribuir seus atritos e desapontamentos à parte da sociedade que se situa fora da própria pele. Para superar os impulsos hostis à ordem social, deveria existir uma ligação emocional à mesma, coisa que para Schumpeter, o capitalismo é incapaz de produzir. O autor considera ainda como fermentador da hostilidade, as melhorias nos padrões de vida dos trabalhadores, permitidas pelo capitalismo, mas que, ao mesmo tempo o temor de perdê-las é um componente formidável para gerar a inquietação social. (SCHUMPETER, 1984, p. 188-9).

Para consolidar esse quadro hostil, Schumpeter incorpora em sua análise a “Sociologia do Intelectual”. (SCHUMPETER, 1984 p. 189-201). Para o autor, a massa popular nunca desenvolve, por iniciativa própria, opiniões definidas. É menos capaz ainda de articulá-las e transformá-las em atitudes e ações consistentes. O capitalismo, inevitavelmente, e em virtude da própria lógica de sua civilização, cria, educa e subsidia um interesse específico na inquietação social. Nas palavras do autor: “...se o monastério deu nascimento ao intelectual do mundo medieval, foi o capitalismo que o libertou e apresentou à imprensa.” (SCHUMPETER, 1984, P. 192).



Os intelectuais não constituem uma classe social, mas cumpre o papel de pontas de lança de classes sociais. São pessoas que exercem o poder da palavra falada e escrita, mas se distinguem das demais pela ausência de responsabilidade direta pelos negócios práticos. O intelectual não faz história ou cria condições para uma mudança nas instituições sociais, na realidade, ele desempenha o papel de “parteira”. Para a ordem capitalista falta vontade de controlar seu setor intelectual. Assim, a liberdade da discussão pública, com a crítica às fundações da sociedade capitalista é inevitável no longo prazo.

Por outro lado, o grupo intelectual não pode deixar de fazer censuras, pois ele vive das críticas e sua posição depende da crítica com que ele fere; e críticas e pessoas e eventos correntes, fatalmente se transformarão numa situação em que nada é sacrossanto, em termos das críticas às classes e instituições. O desenvolvimento dos meios de comunicação, barateamento de livros e jornais, remoção das restrições, vigorosa expansão do aparelho educacional. Tudo isso reflete sobre o tamanho e a atitude do grupo intelectual. O aumento da educação superior cria desemprego setorial e condições de emprego insatisfatórias com padrões ou salários abaixo daqueles oferecidos aos trabalhadores manuais mais bem remunerados. Os insatisfeitos engrossam as hostes dos intelectuais. o descontentamento alimenta o ressentimento e racionaliza-se na crítica social. O grupo intelectual é hostil ao capitalismo e seu papel é estimular, vitalizar, verbalizar atmosfera hostil que cerca o capitalismo e que decorre de fontes independentes.

O movimento operário é produto da evolução capitalista e não da criação do grupo intelectual. Os trabalhadores nunca buscaram a liderança intelectual, mas os intelectuais invadiram a política operária. Verbalizaram o movimento, radicalizaram e deram caráter revolucionário às práticas sindicalistas burguesas. Os intelectuais “bajularam” as esquerdas e a massa. Toda essa atmosfera social explica por que a política pública fica cada vez mais hostil aos interesses capitalistas, tornando-se um sério empecilho ao seu funcionamento.

Os intelectuais raramente entram na política profissional e raramente conquistam cargos de responsabilidade. Mas assessoram comitês políticos, escrevem panfletos e discursos partidários, atuam como secretários e conselheiros, fazem a reputação do jornal de um político, coisas que, se não são tudo, poucas pessoas são capazes de desprezar. Ao fazerem isso, até certo ponto, imprimem sua mentalidade em quase tudo que está sendo realizado. (Schumpeter. 1984, p. 200).



Finalmente Schumpeter (1984, P. 201-211) alinhava a conclusão de sua análise que aponta para a decomposição do capitalismo. Embora. Segundo o autor, alguns economistas acreditam que o capitalismo poderá perder a vitalidade com base em uma Teoria da Oportunidades Decrescentes de Investimento,³o aspecto relevante é que diante da crescente hostilidade, as camadas burguesas acabam deixando de funcionar. Frustram-se seus objetivos, como por exemplo, a fundação de uma dinastia industrial. O arrefecimento da motivação burguesa explica um fiasco no processo capitalista melhor que a Teoria da Oportunidades Decrescentes de Investimento. A motivação é ameaçada por forças internas e externas à mentalidade burguesa. Essas forças são interdependentes. A “Evaporação da Substância da Propriedade” é uma causa interna. O executivo não tem as mesmas responsabilidades do homem que conhece a propriedade. A moderna empresa, embora produto do processo capitalista, socializa a mentalidade burguesa; estreita o âmbito da motivação capitalista e mais, corta suas raízes. Enfim o vigor do empresário schumpeteriano vai diluindo-se nos escaninhos da grande corporação, e com ela, um componente fundamental da destruição criativa.

Outra causa interna é a desintegração da família burguesa. Assim que homens e mulheres se assenhoram da lição utilitarista, passam a se tornar conscientes do peso dos sacrifícios sociais que os laços de família tradicionais, bem como a paternidade, trazem nas condições modernas, inclusive com relação à paternidade. A não procriação é elemento importante desse novo quadro, com o apoio dos anticoncepcionais eficiente disponibilizados pela inventividade capitalista. As atitudes psíquicas criadas pelo processo capitalista reduzem de forma progressiva os valores da vida familiar, ao mesmo tempo em que remove as inibições para assumir uma forma diferente de vida. Nas palavras do autor: “No que diz respeito ao estilo de vida, a evolução capitalista diminui a desejabilidade da vida familiar burguesa e oferece alternativas à ela.” (SCHUMPETER, 1984, p. 205).

Além da “Evaporação da Propriedade Industrial”, Schumpeter elenca como parte do processo de decomposição do capitalismo, o que ele chama de “Evaporação da Propriedade do Consumidor”. Segundo o autor, até o final do século XIX, as casas, no

³ Schumpeter explora essa teoria no Capítulo X da Parte II (SCHUMPETER, 1984, p. 147-59). As oportunidades decrescentes de investimento estariam associadas a fatores ambientais, às práticas restritivas que resultam da petrificação da máquina capitalista, à saturação dos desejos, à limitação da disponibilidade de novas terras e dos avanços tecnológicos e à impossibilidade de ser mantida uma taxa elevada de crescimento.



campo ou cidade, eram consideradas abrigos agradáveis, convenientes e indispensáveis. Já no século XX os encargos do lar burguês acabam pesando mais que as amenidades, a família média de situação burguesa, tende a reduzir as dificuldades de gerir a grande casa da cidade e a grande casa de campo, substituindo-as por estabelecimentos pequenos e mecanizados. Este processo não significa necessariamente que haja uma redução da acumulação de capital destinada ao atendimento do consumo, mas, nas palavras do próprio Schumpeter (1984, p. 206): “significa que, no que se refere ao componente hedonístico no padrão de motivos aquisitivos, reduz-se a desejabilidade de rendas além de certo nível”.

O ponto relevante para o autor é que a “a família e a casa de família costumava ser a mola mestra da espécie tipicamente burguesa do motivo lucro.” (SCHUMPETER, 1984, p. 207). A ordem capitalista confia os interesses a longo prazo da sociedade às camadas superiores da burguesia. Eles são confiados na verdade, ao motivo familiar que opera nessa camada. A luta da burguesia não era tanto por um padrão de consumo, mas por um padrão de acumulação. Com o declínio da força motriz que era o motivo família, reduz-se à sua expectativa de vida.

O homem de negócios com sua visão individualista e utilitarista, torna-se o *Homo oeconomicus*, sem o romantismo e o heroísmo, importantes para a ética capitalista que justifica o trabalho para um futuro, independentemente de quem colherá os frutos desse trabalho. Nessa situação o indivíduo pode desejar menos do que antes, deslizando para uma estrutura de pensamento anti-poupadora. A burguesia acaba absorvendo os lemas do radicalismo, tendendo a se converter a um credo hostil à sua própria existência. Para Schumpeter, a burguesia perde a fé em seu próprio credo, o que é fácil de perceber com o desaparecimento das condições sociais responsáveis por seu surgimento. A burguesia está sempre pronta a ceder e não reage aos ataques diretos.

Nos EUA, nunca houve qualquer resistência em parte alguma contra a imposição de esmagadores pesos financeiros durante a última década ou contra a legislação trabalhista incompatível com uma administração efetiva das indústrias...A única explicação para a mesquinha que observamos é: a ordem burguesa já não tem sentido algum para a própria burguesia; quando tudo é dito e nada é feito, é porque ela realmente não se importa. (SCHUMPETER, 1984, p. 208).

Para Schumpeter, o sistema capitalista tem uma tendência iminente à autodestruição, que, em seus primeiros estágios, pode muito bem se afirmar como tendência ao retardamento do progresso. O mesmo processo econômico que solapa a posição da burguesia, reduz a importância das funções empresariais, destrói as camadas



e instituições protetoras, cria uma atmosfera de hostilidade, também decompõe por dentro as forças motrizes do capitalismo. Na realidade não é uma destruição, mas uma transformação que converge sensivelmente para a forma de vida socialista. Não dá pra saber, entretanto que tipo de socialismo poderá surgir no futuro, qual a maneira precisa que ele deverá ocorrer. E mais, os vários componentes da tendência descrita descrever, embora discerníveis, não se completam. Não avançaram o suficiente para permitir dizer até onde irão.

Apesar desse prognóstico vislumbrando uma transição para uma sociedade capitalista, e reconhecendo, pelo que já foi exposto, a existência de um quadro ameaçador ao futuro do capitalismo, Schumpeter ainda acredita em uma nova rodada de êxito do capitalismo, por algumas razões. Em primeiro lugar, que pouco se sabe a respeito do tipo de socialismo que poderá surgir. Em segundo lugar, também pouco se sabe a respeito da forma precisa pela qual ele pode ocorrer, variando da burocratização gradual até uma revolução mais típica. Em terceiro lugar, porque os diversos componentes da tendência que foi descrita, ainda que discerníveis, não se completaram. A integração industrial ainda não se completou, a concorrência ainda é um fator de muita importância, a empresa ainda está ativa e a liderança da burguesia ainda é elemento importante na condução do processo econômico, bem como os padrões e motivações burguesas e a família burguesa ainda não morreram. Mesmo com essas ponderações,

Do ponto de vista da prática imediata, assim como para os propósitos da previsão de curto prazo – e nessas coisas um século é “curto prazo” -, toda essa superfície pode ser mais importante que a tendência à outra civilização, a qual age lentamente nas profundidades. (SCHUMPETER, 1984, p. 211).

Sobre essa outra civilização à qual Schumpeter se refere na citação acima, ele dedica a Parte III (SCHUMPETER, 1984, p. 213-92), que tem início com uma pergunta e uma resposta extremamente objetivas: “Será viável o socialismo? Claro que é”. (SCHUMPETER, 1984, p. 215). De fato, em vários aspectos Schumpeter aponta vantagens do socialismo sobre o capitalismo, ou sociedade comercial, assim também denominada. Enfim, apesar da possibilidade de uma nova rodada de êxito, “a tendência a uma outra civilização age lentamente nas profundidades”.

2. REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE A METODOLOGIA DE ANÁLISE DE SCHUMPETER

Vamos começar com a questão do método utilizado por Schumpeter. Sem dúvida, essa é uma questão difícil, tanto quanto fundamental e, a despeito de constituir-se em um



terreno árido, é fundamental também a disposição para o debate em cima desse aspecto. Schumpeter trabalha em cima da fenomenologia do capitalismo – desempenho da produção, práticas do monopólio, obsolescência da função empresarial e mesmo quando se refere à atmosfera que cerca o capitalismo. A perda de “motivação burguesa”, que para Schumpeter é importante no sentido de explicar o próprio fracasso do capitalismo, vem do estereótipo do executivo que a grande empresa cria. A mesma grande empresa que promove a “evaporação da substância da propriedade.”

De onde vem a grande empresa? Embora a análise que Schumpeter faz do monopólio seja interessante, na medida em que ele assume que as práticas monopolistas são extremamente “próprias” para esse padrão de acumulação, a grande empresa e também o executivo que a “dirige”, surgem na análise como que por um passe de mágica. O “processo de destruição criativa” é suficiente para explicar esse monstro – a grande empresa – e esse “alienígena” – o executivo?

Embora Schumpeter reconheça um “processo”, que vem de dentro, incessantemente destruindo a velha (estrutura econômica) e criando uma nova..., cabe perguntar, o que é esse dentro? O que é esse algo? O que é essa essência? Buscá-la, significaria, inevitavelmente, defrontar-se com o conflito, com a contradição e assumir essa contradição na análise, não a nível da manifestação fenomênica como Schumpeter o faz, significaria assumir uma postura dialética. E nesta dimensão a análise se Schumpeter não chega.

Talvez esse aspecto da análise, destaque a obra de Schumpeter de outros trabalhos mais comprometidos com o capitalismo, que passam por cima até das mais indiscretas manifestações das contradições e conflitos do sistema. Ou seja, Schumpeter tem o mérito de assumir – a nível dos fenômenos – algumas manifestações do conflito que move o sistema. Por outro lado, o recuo que sua análise faz quando teria que tocar na essência da coisa, também não permite que o classifiquemos muito além dos conservadores.

No sentido de reforçar os argumentos acima, vale lembrar que ao longo da análise, por mais que uma vez, Schumpeter nega claramente o conflito de classes. Discursando sobre a civilização do capitalismo, Schumpeter admite que as “instâncias da combatividade capitalista não podem, como pretendem os marxistas, ser explicadas basicamente pelos interesses de classes ou de situação de classe que sistematicamente engendre guerras capitalistas de conquista” (SCHUMPETER, 1984, p. 169). Quando trata



da questão da sociologia do intelectual, nega ainda a possibilidade de as massas chegarem à consciência do conflito, quando diz que

“...a massa popular nunca desenvolve, por iniciativa própria, opiniões definidas. É menos capaz ainda de articulá-las e transformá-las em atitudes e ações consistentes. Tudo que ela pode fazer é seguir ou recusar-se a seguir uma liderança qualquer de grupo, quando esta se oferecer”. SCHUMPETER (1984, p. 189).

Além de negar claramente o conflito de classes, Schumpeter considera a civilização do capitalismo pacifista e atenta aos custos de uma guerra, quanto mais completamente capitalista for essa civilização, o que no nosso entende e pelo que a história tem nos mostrado, é um equívoco. Com isso Schumpeter nega o imperialismo como último estágio da evolução capitalista, independentemente de objeções puramente econômicas. Para o autor, contrariando as pretensões dos marxistas, as instâncias da combatividade capitalista não podem “ser explicadas – exclusivamente ou basicamente – em termos de interesses de classe ou de situação de classe que sistematicamente engendrem guerras capitalistas de conquistas.” (SCHUMPETER, 1984, p. 169).

Vale ressaltar um outro equívoco. Quando a análise chega à decomposição do capitalismo (Cap. XIV), Schumpeter elege como uma causa interna dessa decomposição, a “Evaporação da Substância da Propriedade”. Essa evaporação dá-se através da “irresponsabilidade” do executivo perante a propriedade dos meios de produção, ou mais, perante a instituição da propriedade privada. Rudolf Hilferding, no *Capital Financeiro* (1973, Cap. VII – Sociedade por Ações), deixa bem claro o papel do pequeno acionista e do gerente, administrador ou “executivo” do grande capital. Nem o pequeno acionista é proprietário, e toma as decisões sobre os destinos dos meios de produção, nem o “executivo” o faz. A propriedade é de quem concentra a propriedade, num estágio em que o capitalismo sobrevive da concentração. Os Conselhos de Administração em que se fundem o capital industrial e financeiro, mantém cristalizada a substância da propriedade. A evaporação é aparente, superficial. A Sociedade por Ações, a moderna empresa e o “executivo” são eventos que o positivismo reconhece.

Dentro da mesma linha, Schumpeter vê a grande e moderna empresa socializando a mentalidade burguesa, estreitando o âmbito da motivação capitalista, cortando suas raízes. O âmbito da motivação capitalista é, sem dúvida, o lucro, e não dá, de forma alguma, para admitir que ele não seja perseguido cada vez com mais furor e impiedade pelo grande capital, pela forma “moderna empresa”, ainda que isto custem guerras (e guerras viabilizam grandes massas de lucros).



A análise de Schumpeter passa ainda pela questão da desintegração da família, que ele considera “força motriz” do padrão de acumulação capitalista. Schumpeter destaca também o enfraquecimento e a debilidade crescente da burguesia e da própria ordem burguesa, quando tudo é dito e nada é feito, é porque ela (a burguesia) realmente não se importa. O que põe a desintegração da família? O que põe a grande e moderna empresa? O caráter não ontológico da análise de Schumpeter satisfaz-se com coisa em si, transita na realidade a partir de seus fenômenos, o que não nos permite, por exemplo, concordar que a grande empresa inibe a corrida frenética pelo lucro, que a família não se desintegrou, mas atende hoje a apelos diferentes que o processo de acumulação impõe e que a “irresponsabilidade” do executivo é uma das causas do arrefecimento da motivação burguesa.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A despeito de seu caráter não ontológico, priorizando fenômenos do capitalismo, não podemos, de forma alguma no plano da busca do conhecimento, desqualificar a análise de Schumpeter. A pluralidade, reservado o direito às preferências ideológicas e teóricas, é, sem dúvida, indiscutivelmente necessária no processo de formação, de construção de um corpo de conhecimento, do atrevimento construtivo do processo de busca da inatingível verdade.

A seriedade de Schumpeter como intelectual é indiscutível. Tratando de temas como desenvolvimento, ciclos, história do pensamento econômico e Economia Política, suas contribuições são inestimáveis, seja pelo conteúdo teórico ou histórico de suas análises, seja pelo estabelecimento de uma referência para as reflexões críticas. Vem daí, com certeza, a aceitação e respeito que conquistou nos ciclos acadêmicos de diversos matizes teóricos.

Sobre esse poder de suscitar a reflexão crítica, não podemos deixar de mencionar o impacto que sua concepção de democracia – a democracia competitiva – causou no campo da Teoria Política. Apresentada no clássico *Capitalismo, socialismo e democracia* ([1942]1984, Parte IV), provocou um aquecimento no campo da Teoria Política, motivando o sociólogo inglês Ralph Miliband a publicar *O Estado na sociedade capitalista* ([1969]1982), questionando a concepção de Schumpeter sobre a democracia no capitalismo. Esta publicação de Miliband, por sua vez, foi motivação para um debate com Nicos Poulantzas que, tendo publicado *Poder político e classes sociais* ([1968]1977)



defendia o campo teórico como a melhor alternativa⁴ para realizar a crítica à concepção de democracia defendida por Schumpeter.

Um ponto que entendemos importante de firmar nessas considerações finais sobre a análise da decomposição do capitalismo realizada por Schumpeter, a partir do comprometimento da energia gerada pela destruição criativa como força relevante de impulsão de sua capacidade de promover a produção e a renda, também reforça o caráter de seriedade do autor. Ao mesmo tempo, enriquece ainda o debate sobre as possibilidades do capitalismo como modo de produção suficiente para sustentar a reprodução social em todas as frentes necessárias, como a social, a econômica, a política e a ambiental.

Nas diversas análises apoiadas na matriz teórica marxiana, encontramos certamente a previsão de dificuldades manifestas por uma sucessão de crises que convergem para um inevitável debacle do capitalismo, mesmo que por processos diferentes. Algumas interpretações ainda validando a luta de classes como uma alternativa transformadora, outras entendendo que a luta de classes perdeu sua centralidade e a transformação do modo de produção capitalista dar-se-á por outras vias como o desgaste das relações de produção promovido pela virulência da própria lógica de uma economia de mercado centrada na produção de valores de troca, promovendo um inexorável processo de exclusão social.

Essas variantes têm em comum reconhecer e apoiar suas análises e conclusões na contradição central sobre a qual se organiza o modo de produção capitalista, ou seja, a contradição entre trabalho e capital. É esta contradição que dá vida ao processo de negação do trabalho vivo a favor do trabalho morto, fomentando a tendência de elevação da composição orgânica do capital que, inevitavelmente desemboca na formação das grandes plantas de produção, portanto, nas grandes corporações que para Schumpeter constituem o espaço onde o empresário schumpeteriano vai diluindo-se, sendo isto um componente fundamental da destruição criativa e por consequência um elemento importante na decomposição do capitalismo.

Vimos que Schumpeter vale-se da grande corporação como fenômeno, sem discutir ou apresentar o processo causal de sua origem, portanto, sem reconhecer a contradição mãe do capitalismo, o que diferencia seu método de análise dos trabalhos marxianos. No Capítulo 2 'Marx o sociólogo', Schumpeter (1984), inclusive rebate a categoria "luta de classes" que tem papel central na obra de Marx. Justamente este ponto enriquece a análise de Schumpeter para compor um quadro de leituras e enriquecer as reflexões sobre as

⁴ Entendendo que a democracia competitiva apresentada por Schumpeter cria uma falsa ilusão de neutralidade do regime político, Miliband adotou como método para defender a tese de que o Estado capitalista é um Estado de classe, a investigação da origem dos indivíduos que compunham os quadros do Estado, certificando-se de que parcela importante desses quadros tinham origem na burguesia, o que para ele era um argumento central para defender o caráter burguês do Estado capitalista.



perspectivas do capitalismo, pois, valendo-se de uma opção metodológica radicalmente diferente do materialismo dialético empregado por Marx, também aponta para a decomposição do capitalismo. Ao nosso ver, como já foi dito, é uma indicação importante da seriedade do Schumpeter como pensador e enriquece a investigação acadêmica, mostrando que a busca da verdade é um caminho tortuoso e que exige muito de nós.

REFERÊNCIAS

HILFERDING, Rudolf. *El capital financiero*. Madrid: Editorial Tecnos, 1973.

MIGLIOLI, Jorge. *Schumpeter e o perecimento do capitalismo e da burguesia*. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/index.php/estudos/article/viewFile/797/657>. Acesso em 20/maio/2019.

MILIBAND, Ralph. *O Estado na sociedade capitalista*. Rio de Janeiro; Zahar Editores, 1982.

POULANTZAS, Nicos. *Poder político e classes sociais*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1977.

SCHUMPETER, Joseph A. *Capitalismo, socialismo e democracia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984